

Oswaldo Ferreira Leite Netto*

Um relato contemporâneo

Deborah é recebida na Instituição Psiquiátrica de Assistência e Ensino onde dirijo um Serviço de Psicoterapia. Lá criei um núcleo de psicanálise, no qual, juntamente com um grupo de psicanalistas – a maioria médicos e psiquiatras de origem – promove-se uma escuta psicanalítica. Esse exercício se dá em um meio não muito favorável; vive-se claramente o aspecto à contracorrente de nossa prática, numa época da psiquiatria baseada em evidências. Estamos fora de ambientes mais protegidos, de settings mais tradicionais, melhor delimitados. Psicanálise “a céu aberto”, como propôs a Diretoria de Cultura e Comunidade da FEPAL, recentemente, em Cartagena, e na jornada preparatória para o Congresso realizada em São Paulo. Promovemos esse vértice analítico apoiados numa ideologia de nos colocar à prova, constatar demandas ocultas em outros nichos, à margem dos grupos mais favorecidos.

Deborah é personagem contemporânea da grande cidade brasileira. Tem 22 anos, uma formação técnica em arquivologia e cursa atualmente História na universidade mais prestigiosa do estado de São Paulo, a USP. Como diz, foi “incluída” graças aos programas e esforços dos governos que caíram recentemente.

Mora na periferia da capital onde cresceu e educou-se em instituições públicas de ensino e graças à sua inteligência, senso crítico e muito esforço também. O pai é funileiro de automóveis, tem uma pequena oficina no bairro onde habitam. Há dez anos os pais se separaram. Tem um irmão menor autista que também recebe tratamento no serviço público.

Ela foi encaminhada por um casal de médicos que a empregou. Este casal tem um filho, igualmente universitário, que estudou nos melhores colégios da capital. Em um ambiente intelectualizado e politizado, seus pais, professores na faculdade de Medicina, são progressistas e críticos dos desvios da medicina contemporânea, baseada em evidências, impessoal, altamente dominada pela tecnologia. Preocupam-se, estudam e publicam na área de educação médica.

Deborah precisa trabalhar, estágios são difíceis em sua área. Nada recebe em casa e a família preferia vê-la num emprego rentável

* Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

para ajudá-los. Incomoda-os seu estilo, sua firmeza, sua participação política. Deborah integra na universidade um “coletivo” LGBT, militando contra a homofobia, o machismo e a violência contra as mulheres.

A família, por meio do filho, recebe Deborah, que se dispõe a fazer o trabalho de faxina. O casal considera mais adequado ter uma pessoa assim em casa do que empregadas domésticas no estilo comum em nosso país: imigrantes nordestinas e de regiões mais pobres; negras, mestiças, vivendo as condições caracterizadas pela abjeção. Submissas, servis, incultas. Contam-me que experimentaram alívio em poder ter alguém em casa que reparou em sua biblioteca, teceu comentários sobre autores e obras. Passam então a adotá-la como secretária e bibliotecária, para organizar livros e papéis. Se Deborah está em casa quando podem fazer refeições lá, convidam-na à mesa, consideram-na colega, à altura, uma profissional e não uma “semiescrava”. Deborah é convidada para um almoço no sábado ao qual comparece acompanhada de sua namorada, igualmente universitária, igualmente de um nível socioeconômico desfavorecido.

O casal de colegas me relata que, após quase um ano de trabalho e de convívio com Deborah, a situação é boa, é recompensadora. Mas começam a ficar angustiados. Sobre a mulher: “não sou escravagista”, diz, e afirma que espera que Deborah se responsabilize e preste esse serviço, que é como outro qualquer, como na Europa, como nos Estados Unidos; afinal, estudantes fazem esses trabalhos, empregam-se em bares e restaurantes.... Mas Deborah ocupa-se do celular, do seu tablet, dos livros, que arrumou e catalogou, mas que também quer ler e pede emprestado. Eles se sentem culpados e a dona da casa me confessa: “preciso de uma faxineira à antiga, que se submeta, que me obedeça, que não quebre nada, que não se distraia na lida doméstica, na limpeza do chão, dos banheiros... Deborah é uma intelectual, é como nós, tem um pensamento, tem um posicionamento político.” Optam por demiti-la, cuidadosamente. Convidam-na para almoçar. A situação é aceita por Deborah. Mas visivelmente está triste, apreensiva, angustiada. É quando se lembram de oferecer uma ajuda psicológica. É assim que a conheço no Serviço de Psicoterapia.



Começamos o atendimento; um atendimento psicanalítico. Uma jovem de 22 anos contemporânea, urbana. Cabelos curtos, levemente masculinizada: camiseta, jeans, tênis. Nenhuma maquiagem ou adereços. Não pagará por essa sessão, não há divã. Mas seus olhos se iluminam. Ela esboça um sorriso e diz sentir-se grata pela oportunidade. “Que privilégio ter alguém para me escutar!”. Penso na oportunidade que essa pessoa teve: passou a frequentar e teve acesso a um mundo de conhecimentos e privilégios que desconhecia até bem pouco tempo. E começou a vivenciar questões, como ser percebida como diferente, com uma vida diferente. Referiu-se a seus patrões como pessoas cultas, tolerantes e abertas... mas que de fato não a aceitavam como era.

Como estudiosa da História, me conta que também andou lendo Freud e aprecia muito *O Mal-Estar na Civilização*. Pelas circunstâncias da época em que está vivendo e das mudanças que pôde operar em sua condição de vida, Deborah permite que observemos e nos incomodemos com a constituição de sua identidade, com a vivência da exclusão social e sua singularidade. Ouvindo-a, a experiência da abjeção fica evidenciada. Deborah sofre com a consciência de ter vivido e poder viver uma vida que pode não importar, ou que perturba e mesmo ameaça pessoas e grupos. Mesmo na casa em que foi trabalhar não se sentia como uma empregada normal. Suas vivências e relatos da vida na periferia, com violência e morte de crianças e de negros que testemunhou, nos surpreende ameaçadoramente. Como são arraigados em nós simbolicamente e materialmente esse desprezo e essa repulsa pelo diferente, o estranho que ameaça! É muito difícil para o analista reconhecer a sua falta de afeto diante de certos fatos e acontecimentos, ter vivenciado com indiferença certas situações. Deborah refere-se dolorosamente à uma sensação de poder não importar a ninguém e, sua militância, segundo diz, se justifica para mostrar que a sua vida e de seus correligionários importam e, se perdidas, serão lamentadas.

Tenho valorizado e incentivado a necessidade de analistas se colocarem à prova aproximando-se e vivenciando a questão da existência de pessoas que vivem essas condições de

exclusão, da abjeção. As questões das dificuldades com as diferenças e a intolerância são assunto psicanalítico.

E somos nós que podemos, diante da vivência de abjeção do outro, auxiliá-lo na recuperação e reafirmação de sua identidade, frágil e tornada inconsistente por um fenômeno que se instala além do indivíduo, politicamente, e que exclui tudo aquilo que ameaça as fronteiras sociais estabelecidas nas grandes cidades e em nossos países, onde reina tanta desigualdade.

O encontro com Deborah me fez enxergar essa dolorosa condição e a possibilidade de reorganização por meio da escuta analítica.

Referência

Freud, S. (2006). *El malestar en la cultura*. Madrid: Alianza. (Trabalho original publicado em 1930)